

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte Folha de S. Paulo Class.: Amazônia / Calha Norte  
 Data 23/07/93 Pg.: 1-2 138

## Um punhal na Amazônia

José Sarney

Uma das coisas mais nefastas legadas pelo governo Collor foi a anulação das diretrizes que eu deixei em relação à Calha Norte do rio Amazonas.

Acertar aquela área foi uma tarefa genial de Rio Branco. Entregou a Nabuco a conclusão da questão da Guiana, que, arbitrada pelo rei Victor Emanuel, perdemos, salomonicamente. Reservou para si a questão do Amapá, que ganhou com o Laudo Suíço. Resolveu o caso do Acre, acabou com todas as pendências. O território que perdemos para a Guiana é o contestado de Ezequibo, reivindicado em parte pela Venezuela, assunto congelado e não resolvido.

A questão ambiental colocou pimenta no problema. O desejo das potências do passado, que cobiçavam explorar a Amazônia, agora se legitima com o gerenciamento do manejo da maior floresta úmida do planeta, sob a alegação da sobrevivência da humanidade.

O Projeto Calha Norte visava proteger nossas fronteiras de narcotraficantes e guerrilheiros, assistir às populações que lá residem, dando-lhes condições de saúde, educação e saneamento. Reforçar o trabalho da Funai, regularizar as terras e priorizar a solução dos problemas indígenas. Conservar e preservar a floresta (com outro projeto, o Nossa Natureza) e implantar um desenvolvimento sustentado.

Acusaram o Brasil de querer militarizar a Amazônia, porque implantou, legitimamente, cinco pelotões de 50 soldados, ao longo de uma fronteira de 1.000 km. Grupos engajados do exterior mobilizaram os nossos inocentes úteis, igrejas e alguns políticos desinformados emocionalizaram a questão ianomami, que finalmente foi decidida pelos Estados Unidos, quando Collor cedeu às pressões do presidente Bush e dos senadores americanos.

O documento sobre o assunto hoje é público. Criou-se o embrião de um enclave no Brasil com uma reserva que envolve a fronteira, incluído entre os conflitos étnicos a serem resolvidos pela pressão ou pela força internacional.

E o que acontece agora? O Brasil fez cair a um nível baixíssimo suas relações com o Suriname e a Guiana. Aquele voltou a sofrer forte influência holandesa; esta, inglesa e americana. Reativa-se a base de Macuna. Soldados franceses treinam na selva apoiados por corvetas de guerra. Chegam 175 fuzileiros americanos e mais 180 soldados. Deverão chegar outros 750 em agosto. Há uma escalada de manobras militares na ilharga do Brasil. Joseph Singh, ministro da Defesa da Guiana, viaja para assinar acordos militares!

Os países trabalham com hipóteses. Contra o que essa mobilização na área? Para que e com que fim?

Parece que o sonho antigo das potências de colocarem um pé na Amazônia chegou. Está cravado o punhal que vai nos dar muita dor de cabeça.

Duas instituições que ajudaram a construir esta nação, que estão acima de qualquer circunstância devem comandar nossa reação: o Itamaraty e as Forças Armadas. Infelizmente, o Itamaraty está destroçado pela reforma trágica do governo Collor, e as Forças Armadas sem recursos e sem estímulo.